

Ainda a toponímia do local vem em comprovação da origem cristã da campã. Foi decerto chão sagrado, de que hoje resta apenas a já mutilada testemunha. Esta desaparecerã, se ainda não desapareceu na hora em que escrevo; mas mais resistente do que o granito que a continha, permanecerã o tãpico *Alto das Igrejas*, e por quantos sãculos ainda?

F. ALVES PEREIRA.

Antiguidades do Alentejo

Mais uma vez tive ocasião de ir ao Alentejo em estudo arqueolãgico, o que aconteceu nas ferias pascoais de 1923. Acompanhou-me o D.^{or} Manuel Heleno, Conservador do Museu Etnolãgico, o qual me ajudou eficazmente nas minhas pesquisas, como adiante se dirã.

Fomos de Lisboa direitos a Evora; daqui a Estremoz; depois, sucessivamente, a Veiros (de passagem), á Herdade Grande, a Cabẽço de Vide (de passagem)¹, a Alter-do-Chão, a Alter Pedroso (de visita), a Vaiamonte (de passagem), a Monforte do Alentejo, a Arronches, á Esperança (de visita), e ao Açumar.

Vou dar conta de alguns estudos e aquisiãões que fizemos, e dividirei o meu trabalho em varios capitulos, dispostos segundo a cronologia das estaãões arqueolãgicas e os monumentos ou objectos mencionados neles.

Estação paleolítica de Arronches

N-*O Arch. Port.*, xxiv, 47 sgs., falou o illustre arqueologo francẽs, o S.^{or} P.^o H. Breuil, de uma estaãõ paleolítica que ele descobriu á entrada da vila de Arronches, ao pé do cemiterio, a pouca distancia do rio Caia (vid. fig. 1). Nessa estaãõ encontrou muitos instrumentos de quartzite, de rude fabrico, pertencentes ao periodo chelense, e talvez ao acheulense, instrumentos que depois ofereceu quasi todos ao Museu Etnolãgico.

¹ Antigamente dizia-se *Cabeça de Vide*, como consta das *Linhagens* (sec. xiii), p. 317, e da *Ementa da Casa da India* (1507) de Braamcamp Freire, p. 10. Outro exemplo do uso de *cabeça* em sentido orografico temo-lo adiante, cap. x, em «*Cabeça de Vaiamonte*».

Instigados pelo artigo do S.^{or} Breuil, destinámos alguns dias das nossas férias para Arronches, e de facto lá fomos, e lá encon-

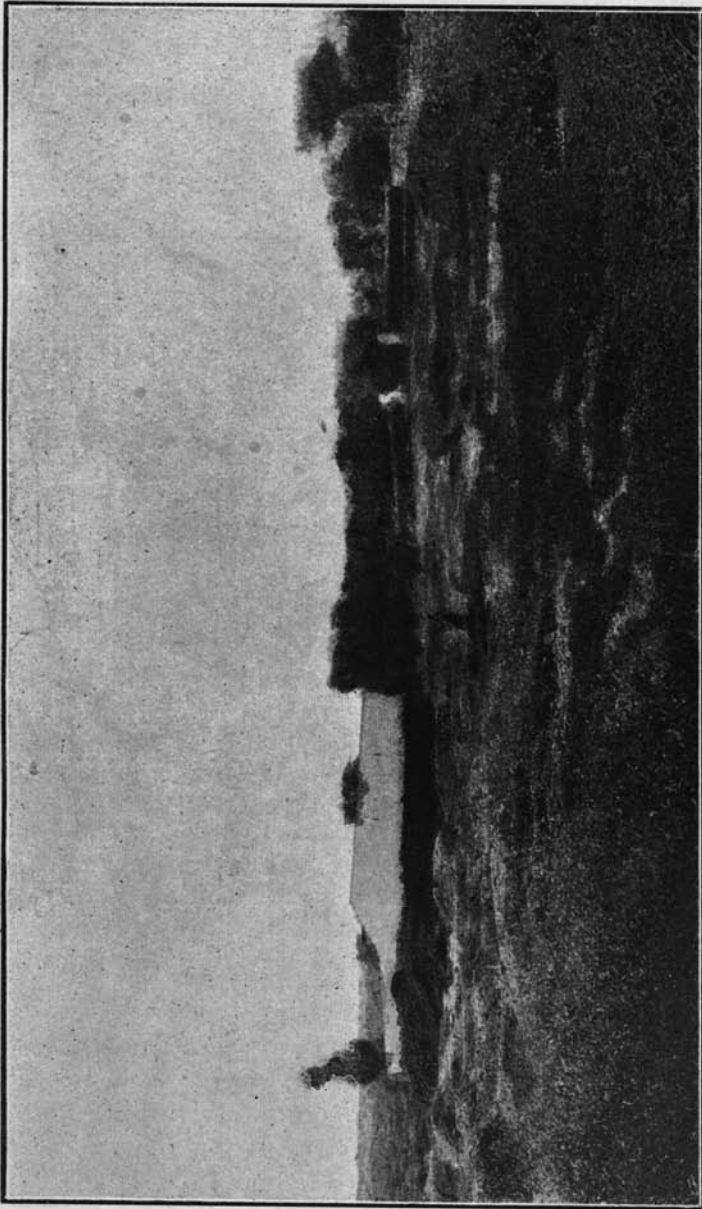


FIG. 1

trámos junto do cemiterio, á superficie do solo, tambem alguns instrumentos de quartzite, feitos com a mesma rudeza dos anteceden-

tes, e pela mór parte estragados do tempo e do embate de outras pedras. Aqui se publicam dez (figs. 2 a 11).

Fosse qual fosse a applicação dos instrumentos, todos eles são pontagudos, fabricados de duas maneiras principais:

umas vezes escolheu-se um seixo do rio, e golpearam-se na extremidade de uma das faces os dois bordos maiores,

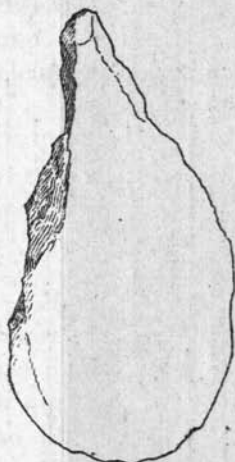


Fig. 2

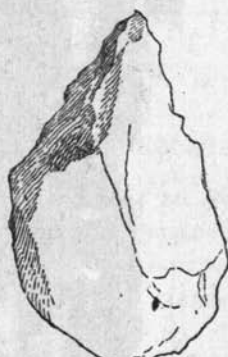


Fig. 3



Fig. 4

ficando intacto o resto d'essa face, e a oposta, bem como a base do instrumento;

outras vezes escolheu-se um seixo analogo, que foi golpeado da mesma maneira numa das faces, ficando tambem só intacto o resto d'essa face, mas deixando-se toda a oposta e parte da base.

Trouxemos ainda outras pedras, e entre ellas um disco.



Fig. 5

II

Antas da Herdade Grande

A Herdade Grande é uma extensa propriedade cerealifera que fica no concelho de Fronteira; pertence á Ex.^{ma} Senhora Condessa da Cuba, que, por intermedio do rico lavrador

Ex.^{mo} S.^{or} Carlos Moreira da Costa Pinto, concedeu amavelmente permissão ao Director do Museu Etnologico para este excavar as antas que ali existem.

Em 29 de Abril cheguei á Herdade Grande, com o meu companheiro, e tendo-nos o S.^{or} Costa Pinto preparado acomodação na casa, ou *monte* (como se diz no Alentejo), começámos o trabalho de

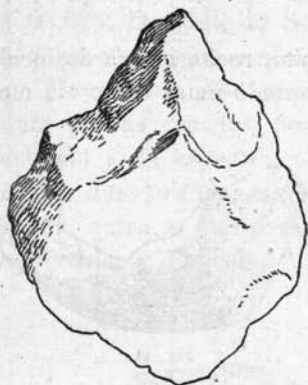


Fig. 6

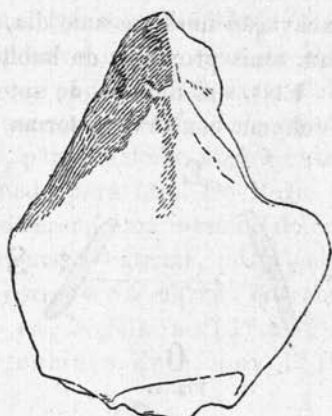


Fig. 7

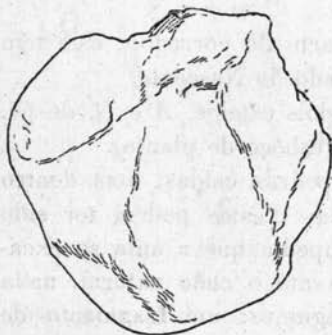


Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10

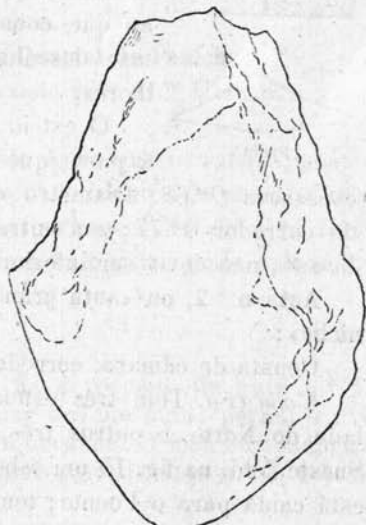
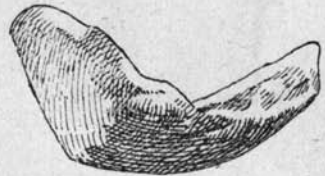
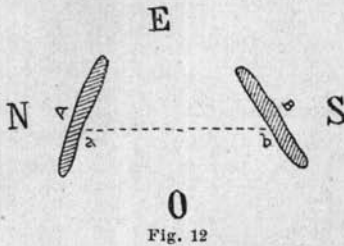


Fig. 11

excavação nesse mesmo dia, depois de visitarmos as antas que estavam mais próximas da habitação.

Elas, em número de sete, são de granito, rocha nativa do local. Nenhuma conserva a fôrma originaria. Contudo umas estão em me-



lhor estado que as outras. Designo-as com os seguintes números: 1 a 7.

Anta n.º 4, ou da eira:

Consta de parte da camara, e de parte do corredor; este tem a abertura natural do lado do Nascente.

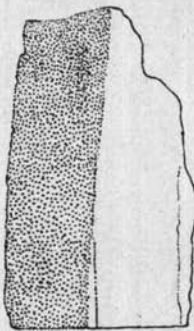


Fig. 13

Da camara restam dois esteios, *A* e *B*, de pé, como consta da fig. 12 (esbôço de planta).

No chão ha cinco pedras caidas, uma dentro e quatro fóra, mas duas d'estas podem ter sido do corredor. Aquela impediu que a anta se excavasse toda. Excavámos até o chão natural, nada aparecendo senão o seguinte: um fragmento de faca de sillex, de secção triangular (fig. 13), e pedacinhos de grosseiras tigelinhas de barro, como as que com freqüencia aparecem nas nossas antas: desenha-se na fig. 14 um dos pedaços melhores.

O esteio *B* tem de altura 2^m,14, não contando a parte que está enterrada; de largura 1^m,64; de espessura 0^m,68. Diametro da anta, em *a-b*, uns 2^m,30; largura do corredor 0^m,77; e á entrada (no estado actual) 0^m,52. A altura da anta não devia ser inferior a 2^m,50.

Anta n.º 2, ou «anta grande», do sitio chamado «Quartel de Peniche»:

Consta de camara, corredor, e uns restos de mamôa.

Camara. Tem três esteios de pé, na sua posição natural, do lado do Norte, e outros três, um pouco tombados, ao Poente e ao Sueste. Vid. na fig. 15 um esbôço da planta do monumento. A tampa está caída para o Poente; tem na superficie externa cinco *covinhas*,

dispostas sem ordem: diametro de uma $0^m,06$, profundidade $0^m,02$ a $0^m,025$. Do lado do Sul falta o respectivo esteio; mas no chão está enterrada uma pedra, não grande, que pôde ter feito parte d'ele.

Corredor. Abre-se do lado do Nascente. Restam d'ele apenas duas pedras grandes, postas de cutelo, paralelamente uma á outra, estando a da esquerda um tanto inclinada para fóra. Do Norte há outras duas grandes lages, que suponho serem, uma a tampa do corredor, outra a que devia fechar a camara á entrada, posta sobre os extremos d'aquela. A abertura do corredor, á entrada da camara, regula por $1^m,20$; no começo dele, por $1^m,07$.

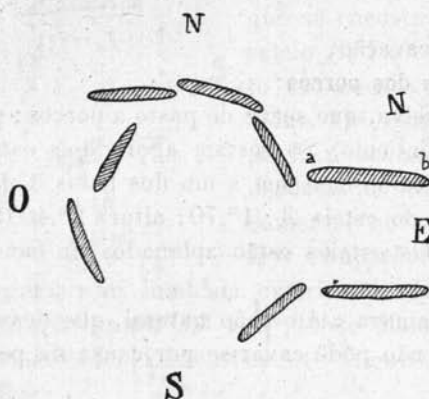


Fig. 15

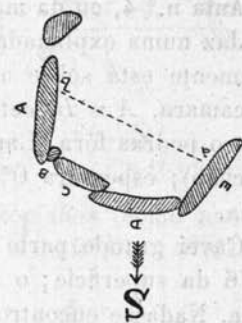


Fig. 16

Por estar caída uma pedra, como já disse, não puderam fazer-se medidas rigorosas¹.

Excavei camara e corredor até o chão natural, que jazia muito superficial (2 decímetros). Nada appareceu.

Anta n.º 3, ou «anta pequena», do Quartel de Peniche:

Esta anta foi, como já disse, excavada pelo D.º Heleno.

Está situada num montinho.

Consta só de parte da camara, isto é, de quatro esteios, postos ainda no seu lugar, estando caídas no chão, dentro da camara, três lages, uma das quais poderia ter sido o chapeu. No chão, cá fóra, jaziam quatro pedras. Os esteios acham-se regularmente aplanados na face interna.

¹ Não dou mais medidas, como fiz a respeito da anta n.º 1, porque na ocasião em que as ia tomar feri-me numa perna, e tive de me retirar para o monte ou casa da herdade. O meu companheiro D.º Heleno estava occupado com a excavação da anta n.º 3, e tambem não pôde medir.

Os esteios *E* e *D* inclinam-se um pouco para o centro. A «pedra mestra» conserva a sua posição vertical.

Vid. na fig. 16 o esbôço da planta da camara.

Dimensões:

A: $2^m,7 \times 1^m,35 \times 0^m,33$.

E: $2^m,10 \times 1^m,20 \times 0^m,70$.

Altura presumível da anta: 2 metros.

Diametro em *a-b*: 2 metros.

A camada de terra vegetal que constituia o entulho da anta tinha a espessura de $0^m,70$.

Nada se encontrou na excavação.

Anta n.º 4, ou da malhada dos porcos:

Jaz numa explanada de relva, que serve de pasto a porcos; propriamente está sobre um montículo. Só restam agora dois esteios da camara, *A* e *B*, estando caído mais um a um dos lados d'ela, e quatro pedras fóra. Largura do esteio *A*: $1^m,70$; altura $2^m,40$ (fóra do chão); espessura $0^m,36$. Os esteios estão aplanados na face interna.

Cavei grande parte da camara até o chão natural, que ficava a $0^m,76$ da superfície; o resto não pôde cavar-se por causa da pedra caída. Nada se encontrou.

Diâmetro da camara em *a-b*: $2^m,22$. A altura devia andar por $2^m,30$.

Vid. na fig. 17 um esbôço da camara.

Anta n.º 5, ou da Estacaria (olival):

Unicamente restam quatro esteios da camara, como se vê da fig. 18, estando porém cá fóra oito pedras caídas. A anta devia abrir-se ao Nascente, porque a pedra, que costume chamar «mestra», e é a principal, está voltada para o Poente.

Dimensões do esteio *A*: $2^m,15 \times 1^m,55 \times 0^m,56$; do esteio *D*: $2^m,50 \times 1^m,20 \times 0^m,56$. A altura da camara não era pois inferior a $1^m,55$.

Nada se encontrou na excavação.

Temos na fig. 18 um esbôço da planta da camara.

Anta n.º 6, ou do ferragial do monte:

É majestoso monumento, o melhor de todos os que explorámos. Fica situado á beira de um caminho, num campo de cevada, e á distancia de uns 300 metros da ribeira de Ana Loura, entre esta e a casa ou *monte* da herdade.

Jaz num montículo, que podemos considerar resto de mamôa, e consta só de parte da camara, que se compõe de cinco esteios,

acunhados, ou calçados; falta a tampa, e falta o corredor, que devia prolongar-se para o Nascente, pois que há uma abertura d'este lado, e a «pedra mestra» está posta regularmente do lado oposto. Vid. na fig. 19 uma planta rigorosa da camara. Entre o esteio *A* e o esteio *E* ha um espaço que era preenchido pelo esteio *F*, de que resta parte caída fóra. Os esteios que estão nos seus lugares inclinam-se

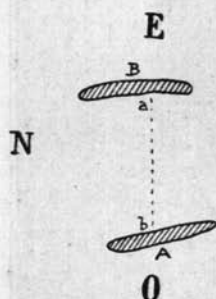


Fig. 17

para o centro; o esteio *C* ultrapassa o esteio *B*; o esteio *D* vê-se da planta que se encosta ao esteio *E*. Tudo isto são cousas sabidas. Os esteios *A*, *B*, *C* acham-se desbastados internamente, nos outros a superfície é

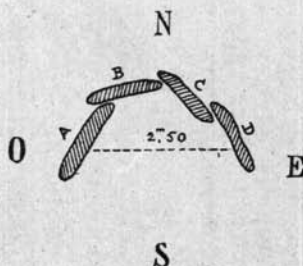


Fig. 18

irregular. Na lombada exterior de *D* ha *covinhas* (como na anta n.º 2), de uns 0^m,03 a 0^m,04 de diametro, e de 0^m,01 a 0^m,015 de profundidade. Dimensões de alguns esteios:

A: altura 2^m,70, não contando a parte enterrada; largura 2^m,40 (*c-f*), espessura 0^m,68.

B: altura 2^m,97 (é o esteio maior); largura 1^m,34; espessura 0^m,60 a 0^m,62.

C: está em parte desenterrado, e tem a altura total de 3^m,50.

A altura da camara regulava por 3 metros. Os seus diametros são: em *a-b*, 3^m,14; em *c-d*, 3^m,34.

Levou-se a excavação até o chão natural, que estava a 0^m,25 da superfície; no entulho apenas se encontraram alguns cacos, ou fragmentos de vasos, de aspecto grosseiro, como os da anta n.º 1.

Anta n.º 7, num alto:

Apenas resta d'ela um esteio inclinado e quebrado. Mandei excavar á volta, nada aparecendo.

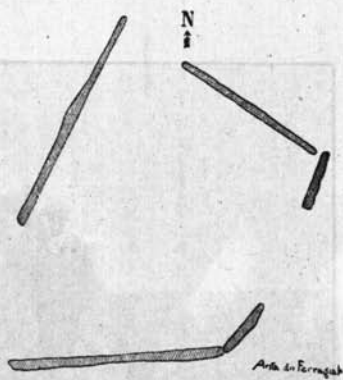
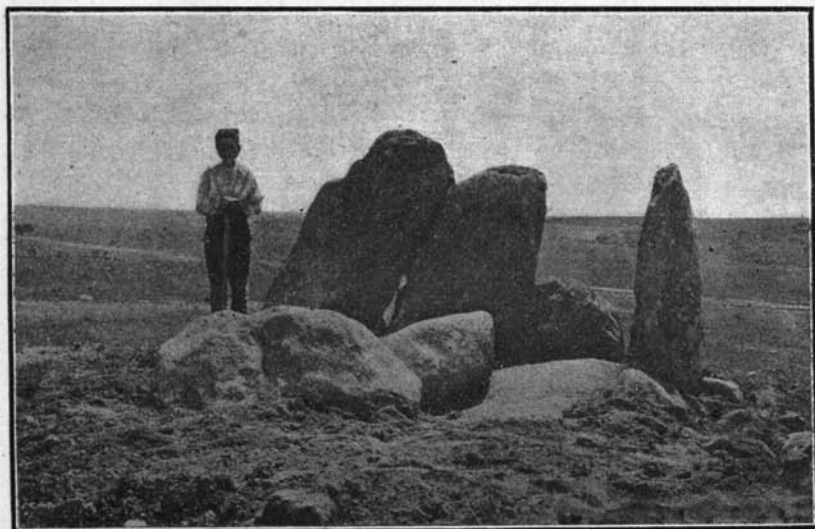


Fig. 19

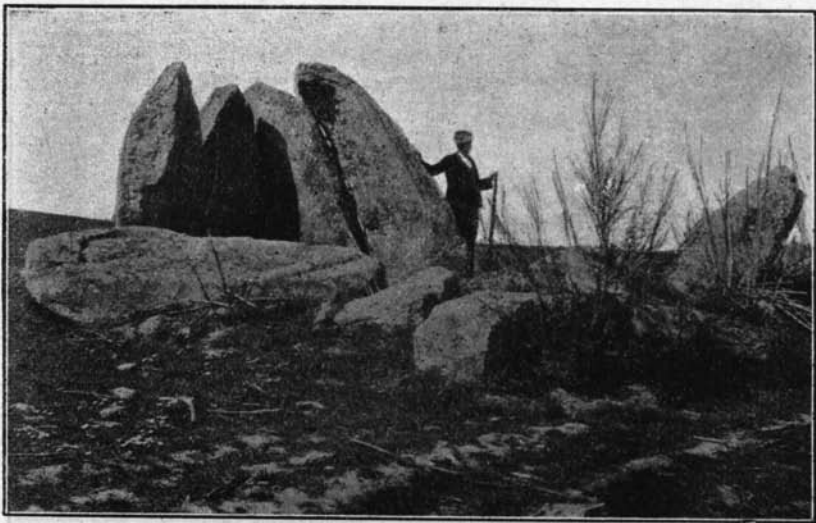
Como fica dito, fomos muito infelizes nesta excavação, pois com excepção do fragmento de faca (fig. 13) é de alguns insignificantes



Antas da Herdade Grande



Antas da Herdade Grande



Antas da Herdade Grande

cacos (cf. fig. 14), nada se nos deparou nela. Em compensação reproduzo na fig. 20 um belo machado que parece de fibrolite, o qual appareceu na Herdade, e é da mesma época das antas: tem de comprimento 0^m,085, e é de forma trapezoidal, senão primitivamente triangular, e com o gume nitido e curvo. Na mesma Herdade appareceram umas pias que hoje servem de bebedouros a animais, mas que na origem foram mós ou grais, em que se moía com rebolos.

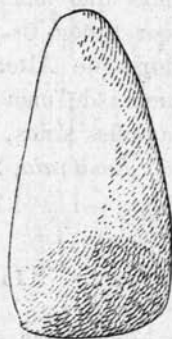


Fig. 20

Nas páginas 166, 167 e 168 representam-se fotografias de seis antas, tiradas, bem como a planta rigorosa da anta n.º 6 (fig. 19), pelo D.^{or} Manuel Heleno.

III

Espolio d'uma anta de Monte Redondo

Mercê da generosidade do illustre Agronomo o S.^{or} Henrique Acciaoli de Sá Nogueira, de Alter do Chão, pude trazer para o Museu os dois seguintes objectos, apparecidos numa anta, ou dolmen, da herdade de Monte Redondo (arredores d'aquella vila), excavada casualmente por trabalhadores do campo:

- 1) Uma taça pequena de barro grosseiro feita á mão, com vestigios de ter estado exposta ao lume. É de fôrma hemisferica, com os bordos lisos, e o fundo

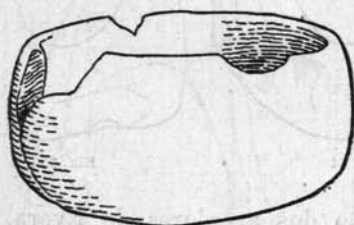


Fig. 21

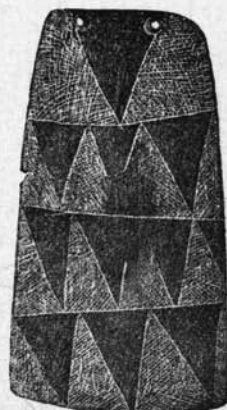


Fig. 22

pouco encurvado: tipo que com frequência apparece nas nossas antas. Estava partida em dois pedaços, que coleí, ficando ainda assim não de todo completo o vaso, como se vê na fig. 21. Altura: 0^m,05; diâmetro na boca: 0^m,076 (medida interior).

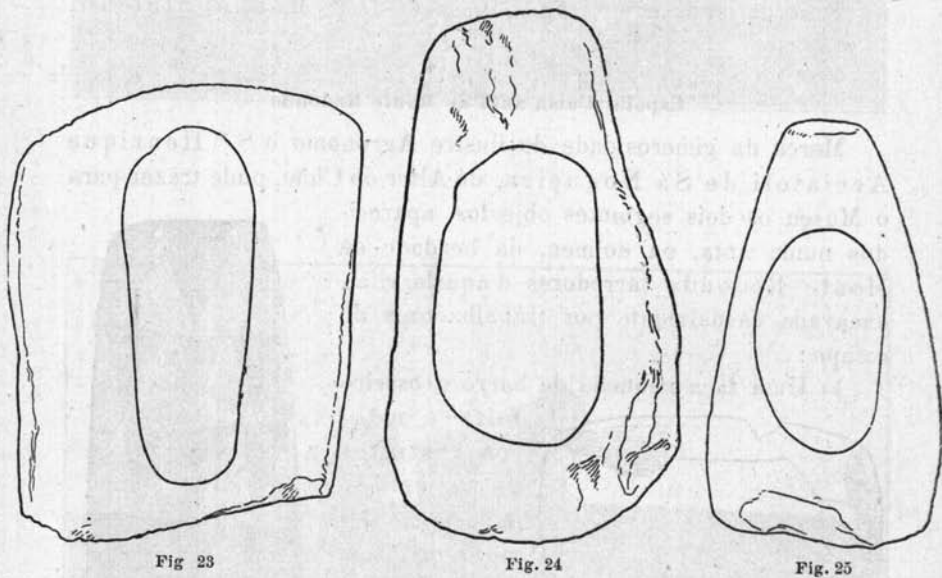
- 2) Chapão de lousa, de fôrma trapezoidal, com dois orificios (biconicos) de suspensão no lado mais estreito. Uma das superficies maiores está dividida em quatro zonas ornamentadas, como se vê na fig. 22. Comprimento 0^m,154.

Eis aqui cousas que parece á primeira vista terem pouco valor, mas que têm muito, pois que, com a anta em que se descobriram, constituem os mais antigos documentos, por ora conhecidos, da historia de Alter do Chão. A palavra *Alter* representa *Abelterion*, nome de uma povoação que na epoca lusitano-romana existia por aqueles sitios, e que já ascendia a tempos anteriores: vid. *Religiões da Lusitania*, III, 636.

IV

Instrumentos de pedra encontrados avulsamente

Na nossa excursão obtivemos alguns machados de pedra (xisto anfibolico e fibrolite), cujos contornos vão desenhados nas figs. 23



a 33. Os machados n.ºs 23 a 32 são dos arredores de Evora, o n.º 33 dos arredores de Veiros.

Os desenhos dispensam a descrição: apenas notarei que o gume do machado n.º 33 mostra que o instrumento teve grande uso, pois se acha muito gasto, e que os machados n.ºs 30 e 31 estão lateralmente encurvados, de modo que parece podiam ser preendidos pela mão no acto do trabalho, sem auxilio de cabos.

Machados de todos estes tipos, com excepção dos dois ultimos, por causa da curvatura, apparecem com frequencia não só no Alentejo, mas nas outras duas provincias meridionais.

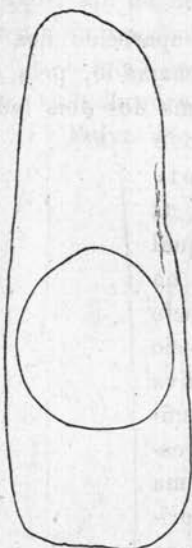


Fig. 26

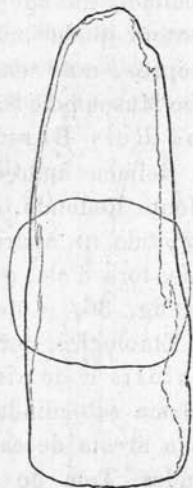


Fig. 27

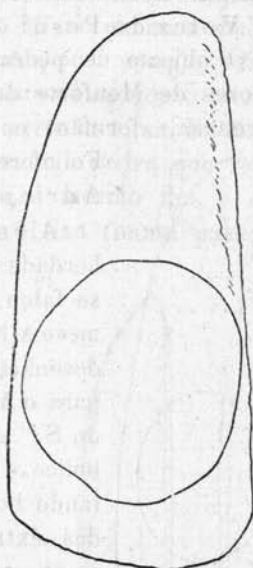


Fig. 33

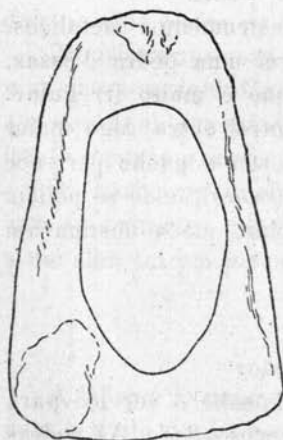


Fig. 28

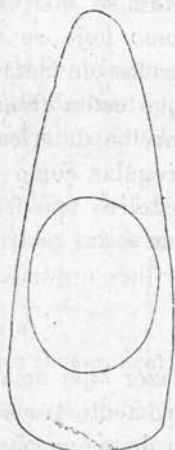


Fig. 29



Fig. 30

Na fig. 34 desenha-se metade de um instrumento de xisto, encontrado nos arredores do Açumar, e oferecido ao Museu pelo S.^o Velez do Peso: é do tipo de «enxó».

O objecto de pedra desenhado na fig. 35, aparecido nos arredores de Monforte do Alentejo, poderíamos chamá-lo, pela sua estreiteza, «formão» ou «escopro», mas tem gume dos dois lados.

Foi oferecido ao Museu pelo S.^o José Adriano dos Reis Berthelot.

Alem do dolmen apparecido na herdade de Monte Redondo, do qual se falou no capitulo III, appareceu na mesma herdade, fóra d'ele, o objecto desenhado na fig. 36, o qual veio para o Museu Etnologico, por dadiua do S.^o Acciaoli. É de xisto anfibolico e de fôrma sub-cilindrica, estando boleada a aresta de cada uma das extremidades. Tem de comprimento total 0^m,215. Está um pouco desgastado em um sitio, no sentido longitudinal, como se houvesse servido de pedra de amolar.

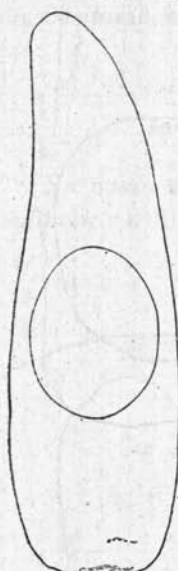


Fig. 31

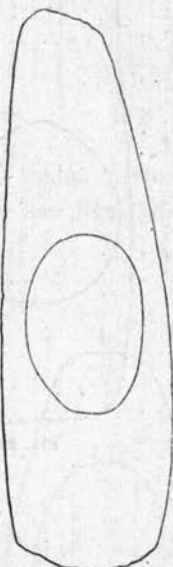


Fig. 32

Efectivamente na epoca neolitica amolavam-se instrumentos de pedra

em outras pedras, como hoje se amolam instrumentos metalicos. Em uma anta do concelho de Sátão encontrei uma pedra d'essas, diferente porém da que estou falando, porque é muito irregular. Numa herdade do concelho de Alcacer encontrei outra, algo maior que a de Sátão, e irregular como ela; pelo seu tamanho pertence mais á classe dos polidoiros (em francês *polissoirs*), onde se poliam os instrumentos, do que á das pedras de amolar, que se destinavam propriamente a apurar-lhes o gume.

*

Vem a propósito fazer aqui uma observação.

Para que um instrumento cortante desempenhe o serviço para que foi fabricado, tem de ser *amolado* e ás vezes *afiado*. As pedras em que se executam estas operações chamam-se *de amolar* e *de afiar*. Para *amolado* emprega-se agua; para *afiar* emprega-se azeite. No uso geral as pedras de amolar não têm fôrma propria; podem até servir pedras de paredes, ou beiras de tanques. O povo confunde com fre-

quencia *amolar* e *afiar*. Assim, na Beira Alta *amolar uma navalha, pedra de amolar*, são da linguagem culta; *afiar uma navalha, pedra de afiar*, são da linguagem plebeia. No Alto Minho chamam *amoladoura* a uma pedra de amolar de vario tamanho, por exemplo, palmo e meio de comprimento, e pouco mais ou menos o mesmo de largura: conservam-nas no chão, perto de agua. Na Beira Baixa dão o nome de *aguçadeira* a uma pedra que serve para o mesmo fim, e que ora é fixa (numa parede),

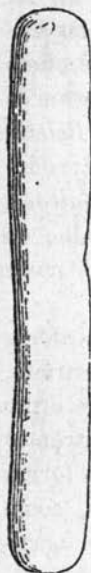


Fig. 36

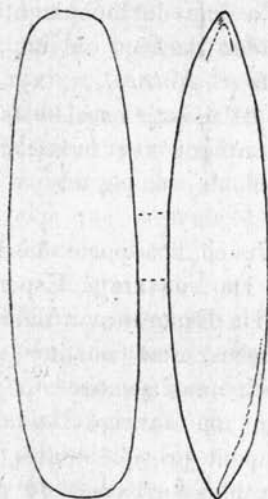


Fig. 35

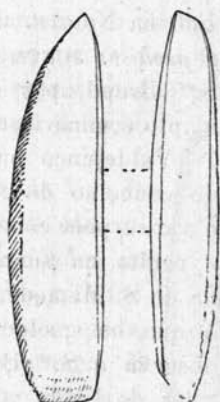


Fig. 34

ora volante, como a *amoladoura*. Em Marvão ouvi chamar *amoladeira* a uma *pedra de afiar*.

Propriamente *amolar* é *fazer mole* o instrumento de que se trata, mas quere-se aqui dizer que se lhe desbasta a parte mais grosseira, até que fique em estado de trabalhar; *afiar* é propriamente dar fio, isto é, apurar o instrumento.

Os barbeiros amolam as navalhas de barba em *rebolos*; a par com as operações que ficam indicadas executam outra, a de *assentar* a navalha em um *assentador*.

V

Val do Junco (Esperança)

A leitura do magistral opusculo que o S.^{or} P.^e Breuil publicára com o titulo de *La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près d'Arronches* (Portalegre), Lisboa, Tip. do Anuario Comercial 1917, de 11 páginas, levou-nos á Esperança, para visitarmos o celebrado rochedo. Como a visita foi rapida, poucos apontamentos tomei, e ainda que os tomasse, nada poderia acrescentar àquilo que o S.^{or} Breuil

escreveu com a competencia que todos nele reconhecem, adquirida no exame directo de inumeras pinturas existentes em rochedos e grutas dos tempos prehistoricos: por isso circunscrevo-me aqui em prestar homenagem ao Archeologo que tão primorosamente juntou um capítulo á nossa historia neolitica ou calcolitica.

O rochedo de Valdejunco foi descoberto pelo S.^{or} Aurelio Cabrera, natural de Albuquerque, e segundo informações d'ele, dado primeiramente a conhecer, a par de monumentos congeneres de Hespanha, pelo S.^{or} Hernández Pacheco em um artigo do *Boletín de la R. Soc. Españ. de Hist. Natural*, t. XVI (depois reproduzido na Nota n.^o 8, Madrid 1916, da *Comisión de investig. paleont. y prehist. JUNTA DE AMPLIACIÓN DE ESTUDIOS*); mas o trabalho do S.^{or} Breuil, por ser inteiramente consagrado a Portugal, é mais amplo e minucioso.

Valdejunco ou Val do Junco fica perto da Esperança, aldeia do concelho de Arronches. Da vila até á Esperança ha estrada, e vai-se pois comodamente. Da Esperança a Valdejunco, sítio ermo e oculto na serra dos Louções, que constitue um dos extremos da de S. Mamede, tem de se ir quasi sempre a pé. O rochedo fórma o que os geologos chamam um «abrigo», e as pinturas, como observa o S.^{or} Breuil «occupent presque toutes les parties verticales de l'abri, ainsi que la plus surbassée du plafond» (pag. 2). Nas pinturas, que são de côr alaranjada e de côr vermelha, especifica o autor do opusculo figuras humanas, figuras de animais (veados, talvez um lobo, e porventura um rinoceronte, de epoca, pois, mais antiga) e outras figuras (serpentiformes, etc.). Cinco figuras humanas que formam grupo parece estarem em posição de dança (pag. 7); outras parece terem mais de um par de braços, como certas figuras da mitologia indiana (pag. 9).

No que toca a data, o S.^{or} Breuil compara-as com as, já conhecidas, de alguns dolmens beirões e transmontanos, e do penedo do Cachão da Rapa; elas são portanto dos fins do periodo neolitico, para não dizer do periodo calcolitico, isto é, de transição do uso da pedra, como materia de instrumentos de trabalho e guerra, para o do uso dos metais.

Esta data é confirmada pelo seguinte: o S.^{or} Breuil achou perto do Val do Junco a parte superior de uma estela de pedra, que ele desenhou a pag. 8, e que por um lado, como diz, se enfileira na serie de estelas do Museu Etnologico, publicada no *O Arch. Port.*, xv, 31 sgs., e por outro é comparavel ao idolo pintado de Peña Tu (nas Asturias). Ora o idolo parece ser do periodo calcolitico, pois tem

desenhado ao pé um punhal d'esse periodo; as estelas portuguesas pertencem tambem certamente ao mesmo periodo.

Não deixará de convir com o que fica dito o noticiar eu agora que num mato da serra dos Louçães, sobranceiro ao rochedo de Val de Junco, appareceu um escoprozinho de cobre, que obtive das mãos de um aldeão, e vai desenhado do tamanho natural na fig. 37 (foi recentemente limado numa aresta pelo referido aldeão para ver se era ouro!); além d'isso outro aldeão deu-me um machado de pedra polida, tambem achado no local: fig. 38. Ainda que o machado e o escopro possam não ter sido empregados contemporaneamente, é contudo curiosa a coincidência do aparecimento, pois foi do estudo das duas industrias representadas por elles que os archeologos chegaram á noção do calcolítico.

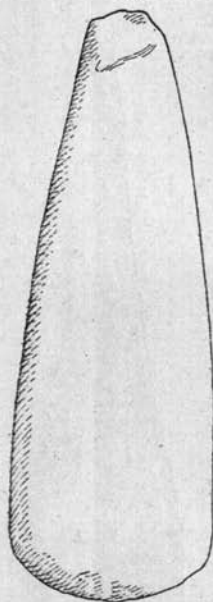


Fig. 38

É provavel que o «abrigo» do Val do Junco servisse de sepultura: os cadaveres, depositos nas anfractuosidades do rochedo, seriam cobertos de terra, que formaria ao de cima uma superficie unida. As estelas, do tipo da da Esperança, os especialistas têm-nas igualmente por funerarias. O idolo da Peña Tu, porém, supponho-o d'outra especie. O penedo em que está pintado fica a pique num alto, d'onde domina grande horizonte de serras e povoações até o Mar Cantabrico: para mim,



Fig. 37

que o visitei em 1923, ele é a séde de um deus da montanha, simbolizado no idolo. Realmente, confrontado o idolo de Peña Tu com a estela da Esperança e a do Crato, que publiquei a p. 33 do citado volume do *Archeologo Português*, acha-se flagrante semelhança; mas, visto que em todos esses casos os antigos quiseram pintar uma figura humana, quer ela se referisse a um homem propriamente dito, quer (uma vez, pelo menos, segundo penso) a um deus, de que modo as pintariam senão iguais entre si? Divinizar montanhas foi acto muito freqüente na Peninsula em tempos pre-romanos, como a respeito de parte d'ela se mostrou nas *Religiões da Lusitania*, II, 103 sgs. Que admira, por conseguinte, que nas montuosissimas Asturias, na serra de Borbolla, a que pertence Peña Tu, se praticassem cultos teluricos? Não compreendo como é que Peña Tu, que não fórma «abrigo», nem faz entrada de gruta, e pelo

contrario fica altissimo, serviria de sepultura. A explicação que proponho parece-me aceitavel.

Ao despedir-me de Valdejunco ou Val do Junco, desejo, como Director do Museu Etnologico, testemunhar aqui publicamente ao S.^{or} P.^e Breuil os meus mais vivos agradecimentos pela remessa que

me fez da estela da Esperança. Ele havia-a levado para Paris, e depois devolveu-a a Portugal, entendendo que melhor ficava num museu português e nacional do que em França. O S.^{or} P.^e Breuil merece calorosos elogios pelo seu acto tão inteligente e tão nobre.



Fig. 39

VI

Instrumentos de bronze

Além do escoprozinho de cobre aparecido no Val do Junco (vid. supra, cap. v), obtivemos dois instrumentos de bronze de que passo a falar:

a) Um machado, isto é, a parte metálica de um machado, de 0^m,22 de comprimento. Consta de duas faces e dois bordos, e podemos considerá-lo formado de duas partes desiguais: parte inferior (a maior) ou lâmina propriamente dita, e parte superior (a menor) ou tópo, que tem dois encaixes de base plana e bordos rectos, um em cada face; os bordos são unos, mas num d'elles ha uma argola semi-circular, cuja extremidades fazem ligação lateral do tópo com a lâmina. Abaixo de cada encaixe tem este machado, como ornato, quatro breves e curtas nervuras, paralelas entre si, e equidistantes umas das outras, as quais vão afilando para o lado do gume. O instrumento está perfeito, senão que, tendo sido fundido de um jacto em dois moldes juxtapostos, ficaram na linha mediana dos bordos d'ele rebarbas, como vestigio da linha de contacto dos moldes. Vid. fig. 39. O machado appareceu com outro ao pé de Veiros, ao abrir-se uma cova para se disporem oliveiras, e foi-me oferecido para o Museu pelo S.^{or} Francisco José Ribeiro.

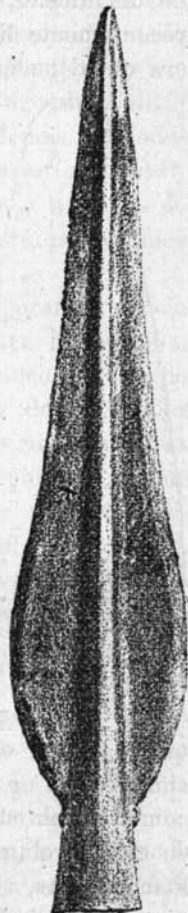


Fig. 40

b) Uma lança, isto é, um «ferro» de lança, de 0^m,245 de comprimento, ôco e com expansões laterais laminiformes, que fazem que o conjunto apresente o aspecto de folha esguia, a qual tem junto da ponta breves sulcos ornamentais. No cano da lança, em baixo, ha de cada lado um orificio que servia para segurar melhor o instrumento quando introduzido no cabo ou haste de madeira; nos dois orificios meteram recentemente um prego de ferro, porque utilizaram a lança como arma de defesa (fig. 40). Ela appareceu tambem em Veiros, e foi-me oferecida para o Museu por intermedio dos S.^{res} Santos & Pimenta.

Posto que o machado e a lança não apparecessem juntos, é provavel que sejam aqui contemporaneos um do outro, e pertençam ao periodo que os archeologos chamam «Bronze IV».

VII

Xorca de bronze da idade do ferro

Na herdade de Monte Redondo (Alter), a que já me referi no cap. III, appareceu avulsamente em trabalhos campestres um pedaço de xorca de bronze, ôco, e de secção circular, com oito pendentos de fôrma de chouriço enfiados nele, como consta da fig. 41. Os dois extremos A e B distam um do outro 0^m,0325. De xorca semelhante, pertencente ao Museu de Faro, vimos já um desenho n-*O Arch. Port.*, vol. XXIV, est. XXVIII; cf. p. 100. Na mesma página, nota 1, desenharam-se dois pendentos avulsos, que existem ha anos no Museu Etnologico.

As xorcas d'esta especie, segundo o que escrevi no citado lugar do *Archeologo Português*, datam dos fins da epoca do ferro, e existem nas seguintes regiões: Alto-Minho (Cendufe), Beira Ocidental ou Maritima (Santa Olaia e Condeixa), Alto-Alentejo (Alter), Baixo Alentejo (Mertola), Algarve de Barlavento (Lagoa). Acrescente-se que no Museu Etnologico existe outra xorca, vinda para ele com os objectos de Alcacer do Sal que occupam os armarios n.^{os} 15 e 16 do primeiro andar e o mostrador intermedio.

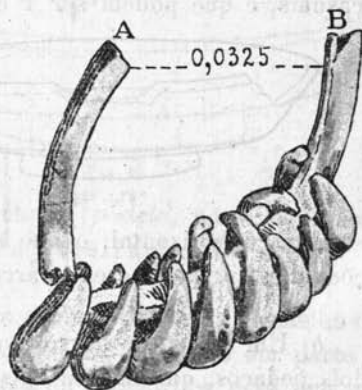


Fig. 41

VIII

Várias antigualhas romanas

A.—No Monte Redondo, de que já se falou várias vezes (vid. capp. IV e VII) appareceu o seguinte, em excavações agrarias:

a) Um pratinho ou taça, de barro arretino, de 0^m,171 de diametro na abertura e 0^m,039 de altura, do tipo de *pátera* (fig. 42). Os objectos d'esta especie serviam para por eles se beber, e mais particularmente para libações aos deuses. A vasilha de que estou falando tem no fundo, pelo lado interno, dentro de um circulo, uma marca figulina, de que não posso ler letra nenhuma. A borda está esborcinada em dois lugares, e o verniz (vermelho) em parte apagado. No bojo, por fóra, fizeram-se, depois de cozido o barro, uns riscos (*graffito*) que suponho casuais, e que podem ser T e Λ (i. é, A

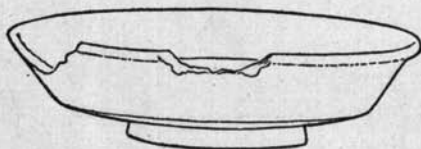


Fig. 42

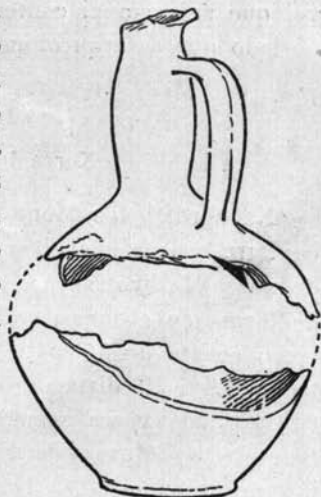


Fig. 43

sem traço horizontal, o que se observa freqüentemente em inscrições d'esta especie e em marcas figulinas).

b) Um frasco de barro avermelhado, cujo bojo está partido em dois pedaços, que não se ajustam bem um ao outro, pois falta algo entre eles: ao pedaço de cima une-se o gargalo com a asa, que tem longitudinalmente um sulco, ao meio (falta ao gargalo mais de metade do bôrdo). Este frasco é do tipo da *lagona* ou *lagoena* (fig. 43). Toda a gente conhece a fábula fedriana em que a raposa, que enganou a cegonha, convidando-a para uma refeição, e dando-lhe uma beberagem espalhada num prato, ou *patina*, a qual a pobre ave de nenhum modo podia saborear com o bico, é depois enganada por esta, que lhe apresenta migas numa *lagona* de estreito gargalo, em que não cabia o focinho da hospeda: enquanto a cegonha se re-

galava de comer, introduzindo no vaso o bico, a raposa rabeava cheia de fome¹.

Por todas as regiões do *orbis Romanus* resta imenso vasilhame, mas nem sempre os arqueologos sabem como é que as peças se chamavam: é por circunstancias como esta, em que um nome (*lagona*) convem a uma descrição (fábula de Fedro), e por algum raro caso, em que numa peça se gravou uma inscrição denominativa d'ela, que ás vezes chega a determinar-se alguma nomenclatura. Ninguem se

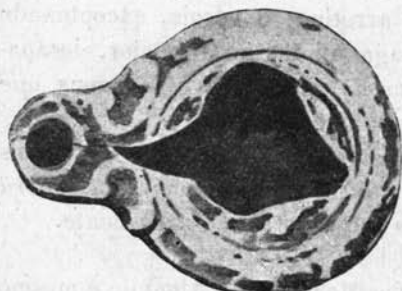


Fig. 44

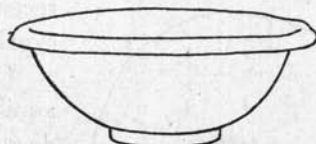


Fig. 47

admire da incerteza de que falo, pois ela existe nos proprios tempos modernos: uma vasilha que no Minho tem um nome, tem outro no Alentejo; e qual é a pessoa do Sul que conhece o recipiente de



Fig. 45



Fig. 46

barro preto que na Beira-Alta se chama *padela*, nome e objecto a que eu sem hesitação dou por avó a *patella* dos Romanos?

c) Uma lucerna de barro outr'ora coberta de verniz vermelho ou «capote» (como dizem os nossos ceramicos), mas que em parte o perdeu (fig. 44). É desprovida de asa ou *manubrium* e só tem um bico, ou *rostrum*, que foi adornado de duas volutas. A face superior da lucerna, ou *discus*, está rôtta, restando apenas um simples ornato na borda ou *margo*. No fundo ou reverso lê-se o seguinte nome do oleiro, aí impresso com carimbo: ACATOS, com terminação grega, mas sem aspiração, isto é, AGATOS = ἀγαθός, «bom». Seculo I da era cristã. (fig. 45).

¹ *Phaedrus*, anotado por Epiphanio Dias, liv. I, fab. 26, 4.^a ed., Lisboa 1894, p. 34.

B.—Nuns olivais que ficam no sítio de Ferreiros (*olivais a Ferreiros*, como lá dizem), frêguesia da Assunção, concelho de Arronches, andando um camponio a lavar, achou nas terras um pucaro de barro que elle logo quebrou, e bem assim duas taças que levou para casa, e foram ter ás mãos do S.^{or} Manoel Maria Pires, que, por intermedio do S.^{or} Oliveira Tavares, m'as ofereceu para o Museu Etnologico Português.

Ambas as taças são de barro arretino; o verniz, exceptuando uns laivos no bojo da menor, e vagas pintas no da maior, desapareceu com as raspagens e lavagens que o primitivo dono fez.

Como consta das figs. 46 e 47, temos aqui exemplares do mesmo tipo de *patera* de que se falou no artigo precedente.

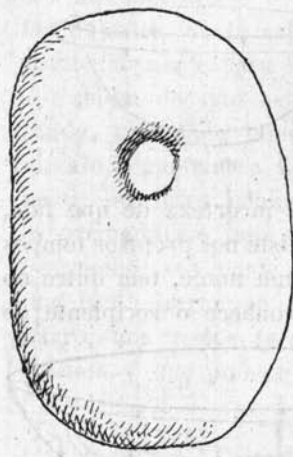


Fig. 48

C.—Em Monforte do Alentejo o mesmo S.^{or} Berthelot, que me deu o objecto prehistorico figurado com o n.º 35, deu-me um pêso (*pondus*) de barro vermelho, que foi rolado das águas e ficou por isso um pouco arredondado. (Vid. fig. 48).

D.—Ao Poente da vila de Arronches, na Coutada do Povo, onde existem alicerces de casas antigas, e se descobrem, ao cavar, pilares de marmore, e ladrilhos muito grossos de barro, appareceu em 1899 um lanço de mosaico policromico (*pavimentum*, ou *opus, vermiculatum*) de que a dona da hospedaria em que nos alojámos me ofereceu um pedacinho, de 0^m,124 de comprimento, que vai desenhado na fig. 49, e de que outro fragmento, disseram-me que com a figura de um veado, fôra levado para o Museu de Elvas.

O pedacinho aqui figurado tem tesselas de três côres: branca, vermelha (ou avermelhada) e azul (ou azulada). Duas series de tesselas azuis formam um angulo, em que está incluso outro, composto de tesselas vermelhas (com falha de uma); dentro d'este ha um triangulo de tesselas brancas, com uma azul no centro. Fôra do primeiro angulo vêem-se tesselas vermelhas e azuis colocadas paralelamente a um dos lados; ao outro lado encostavam-se tambem series de tesselas, mas só resta uma de côr branca.

A existencia do mosaico e das outras vèlharias faz crer que na Coutada do Povo houve uma *villa*, ou quinta, romana.

IX

«Brincos» de ouro romanos

Os «brincos» ou «arrecadas» já eram nos Romanos, e nos seus mestres, os Gregos, um resto da rudeza primitiva, do tempo em

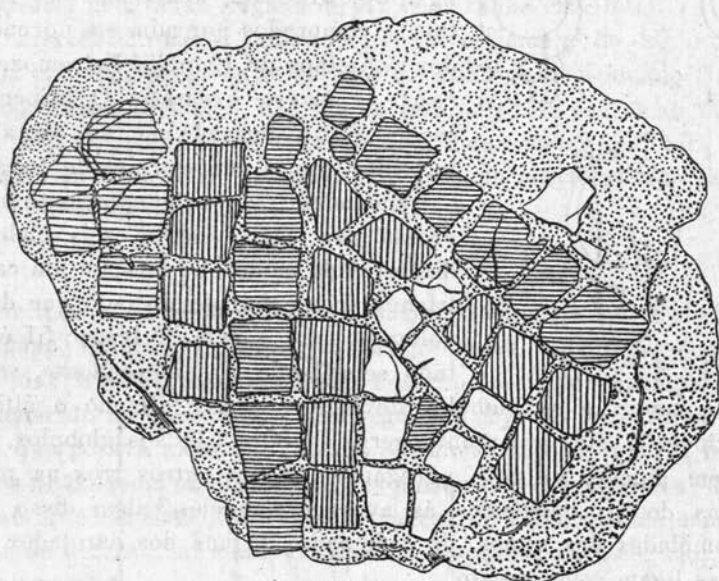


Fig. 49

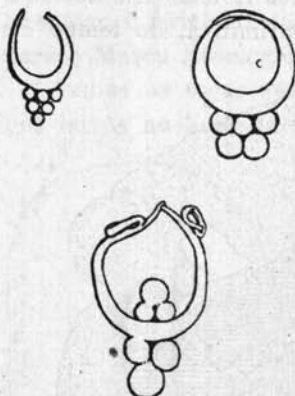
que não só o lóbulo da orelha ou o pavilhão se furavam, mas outras partes salientes do rosto: nariz e lábios, para não falar de deformações cranianas, de mutilação dos dentes, e de tatuagem facial e palpebral¹.

Quem não tem visto em livros de Etnografia e de viagens, em revistas, ou em museus, figuras de selvagens que ostentam uma ro-

¹ De mutilações étnicas, consideradas no seu conjunto, tratou Magitot no Congresso de Arqueologia Prehistorica de Lisboa, em 1880: vid. o *Compte rendu*, pp. 549-613. De «brincos» na antiguidade, trazidos por homens e mulheres, se fala no *Dict. des antiq. gr. et rom.*, s. v. «inauris»: uso de «brincos» em homens, só no Oriente asiático e africano; as civilizações grega e romana apenas o conheceram em mulheres (*ob. cit.*, p. 440). Na idade-media e em tempos modernos este uso de brincos em mulheres póde dizer-se universal. Quanto ao sexo masculino, observei o costume, por exemplo, em

dela de madeira ou de osso embutida no labio inferior¹, ou um pedaço de pau que perfura o septo do nariz²?

Pelo que toca a «brincos» romanos, legou-nos a antiguidade muitos, de ouro e de outros metais, e na nossa propria terra têm aparecido alguns, feitos d'aquella substancia, como os que se representam nas figs. 50, 51 e 52, apparecidos no Alentejo, e comprados por mim em povoações dos concelhos de Evora e Estremoz, durante a nossa excursão. O brinco ou *inauris* (50) é formado por um aro aberto, cujos ramos vão estreitando para as extremidades e á parte externa e mais grossa dos quais aderem seis globulos dispostos de modo que formam um cacho triangular e achatado do lado que devia voltar-se para a pele. O brinco 51 é em tudo semelhante ao antecedente, senão



Figs. 50, 51 e 52

que é maior, e os globulos deviam ser seis, faltando o último. O brinco 52 tem o conjunto geral do 50 e 51; aos globulos, que são em numero de tres, agregam-se porém outros tres na parte interna do aro, dispostos ás avessas d'aqueles; além disso, nas extremidades dos ramos, de cada lado, ha uns fios enrolados que se lhes ligam como ornato.

Os brincos 50 e 51 têm a mesma fôrma que dois, tambem de ouro,

1900 em França (Damply), na Baviera, e no Tirol, em 1909 no Egito (Pretos do Sudão), e em 1922 na Finlândia (Åbo ou Obo). Do costume parece que tambem em Portugal ha vestigios, ou eles sejam antigos ou modernos (falarei d'isto noutra parte). Quando eu era criança, passou na minha terra um homem com argolinhas de ouro nas orelhas: não sei porém d'onde ele era, talvez de Hespanha. Acerca de selvagens, vid. Heilborn, *Allgemeine Völkerkunde*, I, 112. Acerca de varios povos, vid. *The book of costume*, Londres (H. Colburn), 1847, pp. 19-20.

¹ Por exemplo, os Botocudos do Brasil: vid. Heilborn, *ob. cit.*, I, 113, e 6 (fig. 1); cf. tambem *Archivo Popular*, v (1841), 45-46, 54-55, com duas gravuras. No Museu Etnologico organizou-se um quadro com figuras de Botocudos, e aí se verifica tambem o que digo.

² Vid. varios exemplos da Africa e America nas seguintes obras: *Papers of the Peabody Museum*, x (1912), est. 13; *Handbook of the Ethnographical Collections* do Museu Britanico, Londres 1910, p. 24; Haberlandt, *Völkerkunde* (Göschel), I (1917), 64.

que existem no Museu Britânico, e figuram no *Catalogue of the jewellery*, de F. H. Marshall, Londres 1911, est. LIV, n.º 2596 e 2600, subordinados ao título geral de «Graeco-Roman and Roman earrings», como pertencentes ao período que vai de cêrca do sec. I ao fim do IV da era cristã: o *earring* n.º 2596, que formava um par com outro, provém de Paphos; do *earring* n.º 2600 não se conhece procedencia geográfica (legado de A. W. Franks em 1897).

O brinco 52 não é mais que desenvolvimento do 50 e 51; todavia pôde comparar-se ao *earring* n.º 2683 do mencionado Catalogo do Museu Britânico, que lhe dá esta data: do sec. II ao VI da nossa era. O protótipo de todos está já num *earring*, n.º 470, encontrado em Chipre, e pertencente ao período micenense (cêrca de 1300-1100 antes de Cristo).

*

Por todo o Alentejo encontram-se com frequência, nos trabalhos do campo, objectos de ouro, não só romanos, mas pre-romanos. Além dos tres brincos que ficam descritos, sei, por exemplo, do aparecimento ha pouco tempo dos seguintes objectos aureos: um argolão que pesava meio kilo, e cujo paradiro hoje se ignora; fragmentos de diadema ou diademas; tres pulseiras de tipo simples; duas espirais que serviam de ornato a tranças do cabelo; duas cambalhadas de outras; um amuleto falico ou *fascinum*; um anel com inscrição; moedas.

X

Cabeça de Vaiamonte

O lugar de Vaiamonte é atravessado pela estrada que conduz de Alter-do-Chão a Monforte do Alentejo. Quando lá passámos, tomei algumas informações, que passo a referir.

Perto e ao Noroeste d'aquella povoação, que fica numa planura, ha um môro chamado *Cabeça de Vaiamonte*, onde se vêem restos de um muro antigo, e aparecem pedaços de telhas e de vasilhame de barro que destoam da ceramica moderna. Provavelmente é um castro¹.

¹ A palavra *Vaiamonte* é formada de *Vaia-monte*, isto é, *Vaia do Monte*. Ainda que ha nomes que se deslocam, não creio que *monte* signifique aqui a *Cabeça* ou outeiro de que falei, e pelo contrário supponho que está no sentido alentejano, de «casa de campo». Pôde entender-se que por ali viveu num *monte* uma mulher chamada *Vaia* (= Ovaia, Olaia, Eulalia), que lhe deu o nome, e que tendo-se o monte tornado a pouco e pouco povoação, esta conservou o nome d'ele.

Uma vez achou-se lá um brinco de ouro, de fôrma de arco de círculo, e bem assim um denario da Republica romana de *L. Sempronius Pitio*, que foi triumviro monetario cêrca do ano de 170



Fig. 54

a. C., e um medio-bronze de Celsa, com legenda iberica, moeda igual á que publiquei n-*O Arch. Port.*, VII, 169, mas melhor conservada que esta. O brinco tinham-no vendido; as duas moedas adquiri-as por dadiua do S.^{or} Antonio Joaquim Feio, e seu irmão João Ricardo Feio. Os mes-



Fig. 53

mos S.^{rs} me disseram que no outeiro de que estou falando se tinha encontrado em tempo um capacete de bronze e um resto de espada. Ora o mais curioso é que este capacete se conserva ha muitos anos no Museu Etnologico! Ofereceu-m'o para ele o hoje falecido Cons.^{ro} Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, que foi devotado protector do Museu (vid. *Hist. do Museu Etnologico*, pp. 7-8). Vai desenhado na fig. 53: é de fôrma quasi cônica, tem um botão na parte superior, pala curta (com um orificio junto da beira), e pregos tambem de bronze, que se fixam, de cada lado, na parede, ás peças em que deviam prender-se as extremidades do que hoje se chama, em linguagem militar, *francalete* (quando de correia) e *grilhão* (quando metalico). Este capacete, comquanto se pareça com

os de La Tène (2.^o periodo do ferro), é certamente romano. Da espada que me disseram appareçêra tambem no outeiro não pude saber o paradiiro; mas talvez porém houvesse confusão com uma lança de ferro que no Museu está junta com o capacete, sem indicação de proveniencia¹ (vid. fig. 54).

¹ Aos objectos que eu adquiero para o Museu Etnologico aponho sempre papeis com a indicação da proveniencia, mas no vai-vem que ele tem tido, e tambem na occasião da limpeza, e por causa da acção deletéria das traças, acontece que os papeis ás vezes se perdem. Eu não posso estar sempre atento a tudo!

Como complemento d'estas noticias, acrescentarei que na Cabeça de Vaiamonte ha um pço, chamado *da Moura*, e que foi aí que se descobriu o capacete, e a suposta espada ou lança. Sempre ás cousas do passado anda anexo um pouco de lenda!

XI

Antigualhas romanas do Açumar¹ (via *militaris*)

Pelos arredores do Açumar aparecem, como quasi por toda a parte em Portugal, moedas, restos ceramicos e cantarias antigas, etc., o que tudo em geral ascende á epoca dos Lusitanos; ha porém lá uma antigualha que é mais rara de aparecer: refiro-me a um trço de *via militaris* romana, que existe perto da estação ferroviaria do Açumar, e é conhecida na localidade, e noutras vizinhas, pelo nome expressivo e suggestivo de ALICERCE.

A *via militaris*, a que me refiro, ia de *Olisipo* a *Emerita*, e, segundo se lê no Itinerario de Antonino, passava em *Abeltherion*, povoação já mencionada acima, cap. III.

A esta estrada e á ponte da Vila Formosa (sobre a ribeira de Seda), por onde ela seguia, já no *Arch. Port.*, XVII, 209 sgs., consagrou belas páginas o D.^o Alves Pereira. De um marco miliario, provido de inscrição, pertencente á *via*, tambem já falei *ibidem*, XIX, 249-250.

Por agora quero só acrescentar, não só que me disseram que ha outro trço da mesma *via* junto do Caia, com restos tambem de uma ponte, e bem assim perto de Arronches, e nas herdades do Almarjão, concelho do Crato e do Alcaide, frèguesia da Urra, concelho de Portalegre, mas que o S.^o Oliveira Tavares, digno Chefe da secretaria da Camara Municipal de Arronches, me ofereceu amavelmente para o Museu Etnologico Português cópia da acta de uma sessão da comissão administrativa de 26 de Outubro de 1911, em que várias vezes se fala de Alicerce. Este documento parece-me um tanto curioso, mais talvez para o futuro do que para o presente,

¹ Na localidade e em localidades vizinhas toda a gente agrega o artigo definido ao nome da povoação; este nome no sec. XVI escrevia-se com ç, ortografia que deve manter-se hoje. Por tais razões digo aqui o Açumar.

por nele se fazerem confrontações com a *via romana*, e por isso aqui o reproduzo na integra:

[Documento da Câmara Municipal de Arronches]

«Em harmonia com a deliberação tomada pela Comissão Administrativa do Município de Portalegre a Comissão deliberou pedir a precisa autorização para desamortizar, por meio de aforamento, com as formalidades legais, as parcelas de terreno que compõem a Canada do Alicerce, isto é, as faixas de terreno adjacentes á *antiga estrada romana denominada Via Latina ou Estrada do ALICERCE e ainda sómente ALICERCE*, cuja medição e confrontação consta do relatório dos peritos; sendo dado, no acto da praça, o direito de opção aos proprietarios dos prédios confinantes com as respectivas parcelas ou por elas atravessados cujas parcelas são as seguintes:

1.^a

Parte compreendida nas Pereiras, freguesia da Assunção, pertencente ao cidadão Luís Adolfo de Oliveira Sommer.

Tem de comprimento 2:522 metros e de largura 24^m,60.

Confronta por Nornoroeste com a parte do Olival das Pereiras situada na freguesia da Ursa, concelho de Portalegre, por Sulsudeste com a Casa Branca, freguesia da Assunção deste concelho, e por Oestesudeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Tapada da Moura e Coutada de Assumar pertencente á freguesia de Assumar, concelho de Monforte.

Compõe-se de terra de semear com 9 oliveiras, 109 azinheiras, 166 sobreiros, 1 chaparro de azinho e 5 chaparros de sobreiro.

2.^a

Parte compreendida na Courela da Aceisseira, freguesia da Assunção, pertencente ao cidadão António Augusto Ferreira Aboim.

Tem de comprimento 66 metros e de largura 24^m,60.

Confronta por Nornoroeste e Sulsudeste com as Pereiras, freguesia da Assunção, e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual fica na sua confrontação a Coutada de Assumar, concelho de Monforte.

Compõe-se de terra de semear com 7 azinheiras e 3 sobreiros.

3.^a

Parte compreendida na Casa Branca, freguesia da Assunção, pertencente á cidadã D. Antónia de Jesus Caldeira Telo.

Tem de comprimento 770 metros e de largura 24^m,60.

Confronta por Nornoroeste com as Pereiras, freguesia da Assunção, por Sulsudeste com as Taipas, freguesia do Rosario, e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam as Escravides e o Outeiro, freguesia de Assumar, concelho de Monforte.

Compõe-se de terra de semear com 52 azinheiras, 3 sobreiros e 2 chaparros de azinho.

4.^a

Parte compreendida nas Taipas, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã D. Antónia de Jesus Caldeira Telo.

Tem de comprimento 220 metros e de largura 24^m,60.

Confronta por Nornoroeste com a Casa Branca, freguesia da Assunção, por Sulsudeste com a Joana Dias, freguesia do Rosario, e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica o Outeiro, freguesia de Assumar, concelho de Monforte.

Compõe-se de terra de semear com 17 azinheiras.

5.^a

Parte compreendida na Joana Dias, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 1:007 metros e de largura 24^m,60.

Confronta por Nornoroeste com as Taipas, por Sulsudeste com a Granja do Campo, freguesia do Rosario, e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam as herdades do Outeiro, freguesia de Assumar, concelho de Monforte, Mouco e Fragoso, freguesia do Rosario, concelho de Arronches.

Compõe-se de terra de semear com 97 azinheiras, 4 sobreiros e 3 chaparros de azinho.

6.^a

Parte compreendida no Mouco, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 356 metros e de largura 24^m,60.

Confronta por Noroeste com Outeiro, freguesia de Assumar, concelho de Monforte, por Sudeste com Fragoso, freguesia do Rosario,

e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica a Joana Dias, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 31 azinheiras.

7.^a

Parte compreendida no Fragoso, freguesia do Rosario, pertencente ao cidadão D.^{or} Alvaro de Mendonça Falcão e Povoas.

Tem de comprimento 467 metros e de largura 24^m,60.

Confronta por Noroeste com o Mouco, por Sudeste com Moreiros, freguesia do Rosario, e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica a Granja do Campo, freguesia do Rosario.

8.^a

Parte compreendida na Granja do Campo, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã D. Antónia de Jesus Caldeira Telo.

Tem de comprimento 930 metros e de largura 24^m,60.

Confronta por Noroeste com Joana Dias, por Sudeste com o Campinho e por Sudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam Fragoso e Moreiros, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 12 azinheiras e 6 chaparros de azinho.

9.^a

Parte compreendida nos Moreiros, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã Viscondessa de Balsemão.

Tem de comprimento 709 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Noroeste com o Fragoso, por Sulsudeste com a Torrinha e por Nordeste e Estenordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Granja do Campo e Campinho, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 2 azinheiras e 16 chaparros de azinho.

10.^a

Parte compreendida no Campinho, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã D. Antónia de Jesus Caldeira Telo.

Tem de comprimento 880 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Nornoroeste com a Granja do Campo, por Sulsudeste com a Torre e por Oestesudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Torrinha e Moreiros, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 3 azinheiras e 10 chaparros de azinho.

11.^a

Parte compreendida na Torrinha, freguesia do Rosario, pertencente a herdeiros de D. Emilia Augusta Caldeira Teles Castelo Branco.

Tem de comprimento 1:790 metros e de largura 16^m,40.

Confronta por Nornoroeste com Moreiros, por Sudeste com Montinho e por Estenordeste e Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam Campinho e Torre, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 4 oliveiras, 8 azinheiras, 1 sobreiro e 17 chaparros de azinho.

12.^a

Parte compreendida na Torre, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 967 metros e de largura 16^m,40.

Confronta por Nornoroeste com o Campinho, freguesia do Rosario, e por Sudeste com a Quinta, freguesia da Assunção, e por Oestesudeste e Sudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Torrinha e Montinho, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 5 oliveiras, 10 azinheiras, 49 sobreiros e 16 chaparros de azinho.

13.^a

Parte compreendida no Montinho do Vaqueiro, freguesia do Rosario, pertencente ao cidadão D.^{or} José de Barahona Caldeira Castelo Branco.

Tem de comprimento 724 metros e de largura 16^m,40.

Confronta por Noroeste com Torrinha, por Sudeste com Monte de El-Rei, freguesia do Rosario, e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam a Torre, freguesia do Rosario, e Quinta, freguesia da Assunção.

Compõe-se de terra de semear com 7 azinheiras.

14.^a

Parte compreendida na Quinta, freguesia da Assunção, pertencente á cidadã D. Maria de Alegria Panasco Castelo Branco.

Tem de comprimento 780 metros e de largura 16^m,40.

Confronta por Noroeste com a Torre, por Sudeste com o Monte de El-Rei e por Sudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam Montinho e Monte de El-Rei, freguesia do Rosario.

Compõe-se de terra de semear com 7 azinheiras.

15.^a

Parte compreendida no Monte de El-Rei, freguesia do Rosario, pertencente á cidadã D. Maximina Mendonça e Povoas.

Tem de comprimento 1:882 metros e compõe-se de duas faixas de terreno, com a largura de 16^m,40 cada uma, situadas a Nordeste e Sudoeste do Alicerce, ficando este no meio.

Confronta por Noroeste com Quinta, freguesia da Assunção, e Montinho, freguesia do Rosario, por Sudeste com Val de Bebedas, freguesia da Assunção, e Roque Vaz, freguesia do Rosario, por Sudoeste com Monte de El-Rei, freguesia do Rosario, e por Nordeste com Tapada da Quinta, freguesia da Assunção.

Compõe-se de terra de semear com 95 azinheiras, 1 sobreiro e 4 chaparros de azinho.

16.^a

Parte compreendida no Roque Vaz, freguesia do Rosario, pertencente ao cidadão José Joaquim Gonçalves.

Tem de comprimento 300 metros e de largura 16^m,40.

Confronta por Noroeste com o Monte de El-Rei, freguesia do Rosario, por Sudeste com Val de Bebedas, freguesia da Assunção, e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam as Tapadas da Quinta.

Compõe-se de terra de semear com 44 azinheiras.

17.^a

Parte compreendida em Val de Bebedas, freguesia da Assunção, pertencente á cidadã D. Engracia Maria Palmeiro.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma do Nornordeste com 526 metros de comprimento por 16^m,40 de largura e outra do Sudoeste com 15 metros de comprimento por 16^m,40 de largura.

Confronta por Oestenoroeste com Monte de El-Rei e Roque Vaz, freguesia do Rosario, por Sudeste com Corninhas, freguesia da Assunção, por Sulsudoeste com Val de Bebedas e por Nordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam Tapadas do Alicerce, freguesia da Assunção.

Compõe-se de terra de semear com 40 azinheiras.

18.^a

Parte compreendida em Corninhas, freguesia da Assunção, pertencente á cidadã D. Maria Margarida Caldeira de Pina Machado Paraiso.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma do Norte com 1:020 metros de comprimento por 16^m,40 de largura e outra do Sul com 900 metros de comprimento por 16^m,40 de largura.

Confronta por Oeste com Val de Bebedas, freguesia da Assunção, por Este com Soeira, freguesia de S. Bartolomeu, e Chaminé, freguesia da Assunção, e por Norte com o Alicerce, além do qual fica a Chaminé.

Compõe-se de terra de semear com 62 azinheiras.

19.^a

Parte compreendida na Chaminé, freguesia da Assunção, pertencente a herdeiros de D. Guilhermina Bernarda Trinité.

Tem de comprimento 120 metros e de largura 16^m,40.

Confronta por Oeste com Corninhas, freguesia da Assunção, por Este com Soeira, freguesia de S. Bartolomeu, e por Norte com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam as Corninhas, freguesia da Assunção.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

20.^a

Parte compreendida na Soeira, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente aos cidadãos Francisco Emidio Pires e Vicente Joaquim Mesquita Corado.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 927 metros e a largura de 20^m,50 cada uma.

Confronta por Oeste com Corninhas e Chaminé, freguesia da Assunção, e por Este com Figueira de Baixo, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 17 azinheiras.

21.^a

Parte compreendida na Figueira de Baixo, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Mesquita.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 581 metros e a largura de 20^m,50 cada uma.

Confronta por Nordeste com a Soeira e por Sulsudeste com o Monte Branco, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 4 azinheiras.

22.^a

Parte compreendida no Monte Branco, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Manuel Caetano Ribeiro de Carvalho.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 534 metros e a largura de 20^m,50 cada uma.

Confronta a Nornoroeste com Figueira de Baixo e Sudeste com Areias, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 1 azinheira.

23.^a

Parte compreendida nas Areias, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Rasquilha.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 894 metros e a largura de 20^m,50 cada uma.

Confronta por Noroeste com o Monte Branco e por Sulsudeste com a Courela da Mesericordia, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 6 azinheiras e 2 chaparros de azinho.

24.^a

Parte compreendida na Courela da Mesericordia, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Rasquilha.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 66 metros e a largura de 20^m,50 cada uma.

Confronta por Nornoroeste com as Areias e por Sulsudeste com a Sancha e Folhinhos, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 1 azinheira.

25.^a

Parte compreendida em Folhinhos, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Rasquilha Caiado.

Tem de comprimento 658 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Nornoroeste com Courela da Mesericordia, por Sulsudeste com a Valada e por Estenordeste com Alicerce, além do qual na sua confrontação fica a Sancha, freguesia de S. Bartolomeu.
Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

26.^a

Parte compreendida na Sancha, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 858 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Nornoroeste com Courela da Mesericordia, por Sulsudeste com Valada e por Sulsudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica Folhinhos, freguesia de S. Bartolomeu.

27.^a

Parte compreendida na Valada, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Rasquilha.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 638 metros e a largura de 20^m,50 e outra de 419 metros de comprimento e 20^m,50 de largura.

Confronta por Nornoroeste com Folhinhos, por Sudeste com Sancha, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

28.^a

Parte compreendida no Montinho, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Lobão Rasquilha.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 416 metros e a largura de 20^m,50 cada uma.

Confronta por Oestenoeste com Valada, por Estesudeste com Revelhos, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 31 azinheiras.

29.^a

Parte compreendida em Revelhos, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, com o comprimento de 1:760 metros e a largura de 20^m,50 cada uma.

Confronta por Oestenoeste com Montinho e por Estesudeste com a Calaça, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 32 azinheiras.

30.^a

Parte compreendida em Calaça, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 1:010 metros e a largura de 20^m,50 e a outra com 236 metros de comprimento e 20^m,50 de largura.

Confronta por Noroeste com Revelhos, por Sudeste com Cavalarias e Granja do Peral e por Nordeste com Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 75 azinheiras.

31.^a

Parte compreendida nas Cavalarias, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente á cidadã Condessa de Tarouca.

Tem de comprimento 664 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Noroeste com Calaça, por Sudeste com Granja do Peral e por Nordeste com Calaça e Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 34 azinheiras e 3 chaparros de azinho.

32.^a

Parte compreendida na Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão José Maria de Andrade.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 1:380 metros e a largura de 20^m,50 e a outra com 450 metros de comprimento e 20^m,50 de largura.

Confronta por Noroeste com Cavalarias, por Sudeste com Perdigão e por Sudoeste com as Taipas e Cavalarias, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear com 47 azinheiras e 3 chaparros de azinho.

33.^a

Parte compreendida nas Taipas, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Telo Rasquilha.

Tem de comprimento 120 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Noroeste com Granja do Peral, S. Bartolomeu, por Sudeste com Corredoura, freguesia de Degolados, por Nordeste com Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

34.^a

Parte compreendida na Corredoura, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Antonio Pereira Claro.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 1:545 metros e a largura de 20^m,50 e outra com 1:200 metros de comprimento e 20^m,50 de largura.

Confronta por Noroeste com Taipas, freguesia de S. Bartolomeu, por Sudeste com Morenos, freguesia de Degolados, e por Sudoeste com Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

35.^a

Parte compreendida no Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu, pertencente ao cidadão José Maria de Andrade.

Tem de comprimento 1:538 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Noroeste com Granja do Peral, freguesia de S. Bartolomeu, por Sudeste com Monte do Judeu e por Nordeste com Corredoura e Morenos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 16 azinheiras e 2 chaparros de azinho.

36.^a

Parte compreendida nos Morenos, freguesia de Degolados, pertencente a herdeiros de José Maria da Fonseca Regala.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma com o comprimento de 1:980 metros e a largura de 20^m,50 e outra com 390 metros de comprimento e 20^m,50 de largura.

Confronta por Noroeste com Corredoura, freguesia de Degolados, e Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu, por Estesudoeste com Montes Altos, freguesia de Degolados, por Sudoeste com Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu e por Sulsudoeste com Monte do Judeu, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 11 azinheiras.

37.^a

Parte compreendida no Monte do Judeu, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Rasquilha Caiado.

Tem de comprimento 444 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Oestenoroeste com Perdigão, freguesia de S. Bartolomeu, por Estesudeste com Monte Branco e por Nornordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica Morenos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 2 chaparros de azinho.

38.^a

Parte compreendida no Monte Branco, freguesia de Degolados, pertencente aos herdeiros de José Maria da Fonseca Regala.

Tem de comprimento 40 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Oestenoroeste com Monte do Judeu, por Estesudeste com D. Carlos e por Nornordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam os Montes Altos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

39.^a

Parte compreendida em D. Carlos, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Justo Mocinha Pereira.

Tem de comprimento 776 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Oestenoroeste com Monte Branco, por Estesudeste com Montes Altos e por Nornordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam os Montes Altos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

40.^a

Parte compreendida nos Montes Altos, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão António Luís de Sousa Oliveira da Gama e José Gonçalves Pinheiro.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma do Sul com 2:578 metros de comprimento por 20^m,50 de largura e outra do Norte com 240 metros de comprimento por 20^m,50 de largura.

Confronta por Oestenoroeste com D. Carlos e Morenos, por Este com Nossa Senhora e por Sulsudoeste com Monte Branco, D. Carlos e Monte do Judeu, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

41.^a

Parte compreendida em Nossa Senhora, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Francisco da Silva Rasquilho Caiado.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma de Sulsudoeste com 1:045 metros de comprimento por 20^m,50 de largura e outra de Nornordeste com 135 metros de comprimento por 20^m,50 de largura.

Confronta por Oestenoroeste com Montes Altos, por Estesudoeste com Fraustos e por Sulsudoeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação ficam os Montes Altos, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

42.^a

Parte compreendida nos Fraustos, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão António Luís de Sousa Oliveira da Gama.

É formada por duas faixas de terreno de 2:200 metros de comprimento por 20^m,50 cada uma, ficando uma a Sulsudoeste e outra a Nornordeste do Alicerce e êste no meio.

Confronta por Oestenoroeste com Nossa Senhora e por Estesudoeste com Covões, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 120 azinheiras, 19 chaparros de azinho e uma parte do prédio urbano denominado Monte dos Fraustos.

43.^a

Parte compreendida nos Covões, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Segismundo de Bragança (D.).

É formada por duas faixas de terreno de 250 metros de comprimento por 20^m,50 de largura cada uma, ficando uma a Sulsudoeste e outra a Nornordeste do Alicerce e êste no meio.

Confronta por Oestenoroeste com os Fraustos e por Nornordeste com Adeus e Argamassas, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear com 2 azinheiras e 1 chaparro de azinho.

44.^a

Parte compreendida no Adeus, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Túlio da Fonseca.

É formada por duas faixas de terreno adjacentes ao Alicerce, sendo uma de Sulsudoeste com 840 metros de comprimento por

20^m,50 de largura e outra de Nornordeste com 340 metros de comprimento por 20^m,50 de largura.

Confronta por Oestenoroeste com Covões, por Estesudeste com Argamassas, freguesia de Degolados e Monte Novo, concelho de Campo Maior e por Sulsudoeste com Argamassas, freguesia de Degolados.

Compõe-se de terra de semear sem arvoredos.

45.^a

Parte compreendida nas Argamassas, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Segismundo de Bragança (D.).

Tem de comprimento 305 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Oestenoroeste com Adeus, por Estesudeste com Argamassinhas e por Nornordeste com Adeus, freguesia de Degolados, e com o Alicerce, além do qual fica ainda na sua confrontação o Monte Novo, concelho de Campo Maior.

Compõe-se de terra de semear com 6 azinheiras.

46.^a

Parte compreendida nas Argamassinhas, freguesia de Degolados, pertencente ao cidadão Segismundo de Bragança (D.).

Tem de comprimento 350 metros e de largura 20^m,50.

Confronta por Oestenoroeste com Argamassas, freguesia de Degolados, por Estesudeste com Monte Novo, concelho de Campo Maior, e por Nornordeste com o Alicerce, além do qual na sua confrontação fica também o Monte Novo.

Em resumo: as quarenta e seis parcelas de terreno que compõem a Canada do Alicerce, no concelho de Arronches, tem na sua totalidade a extensão de cento e nove hectares, vinte e nove ares e quarenta e cinco centiares, com 18 oliveiras, 1151 azinheiras, 227 sobreiros, 139 chaparros de azinho, 5 chaparros de sôbro e parte de um prédio urbano.—Foram presentes os S.^{ts} Francisco Pereira Rosado, Vice-Presidente da Comissão Municipal, e os Vogais da mesma José Félix Ribeiro e António Mendes Mata.—Estando também presente o S.^{or} Presidente da Comissão Administrativa exercendo as funções de Administrador do Concelho».

Alem do seu valor archeologico, este documento tem tambem valor etnografico e linguistico, por causa da particularidade de cultura agraria a que alude, e dos nomes dos sitios.

Como complemento natural da noticia precedente publica-se na fig. 55 uma vista da ponte romana de Vila Formosa; embora em parte já seja conhecida dos leitores d-*O Archeologo Português* pela gravura publicada pelo D.^{or} Alves Pereira no citado volume, entre

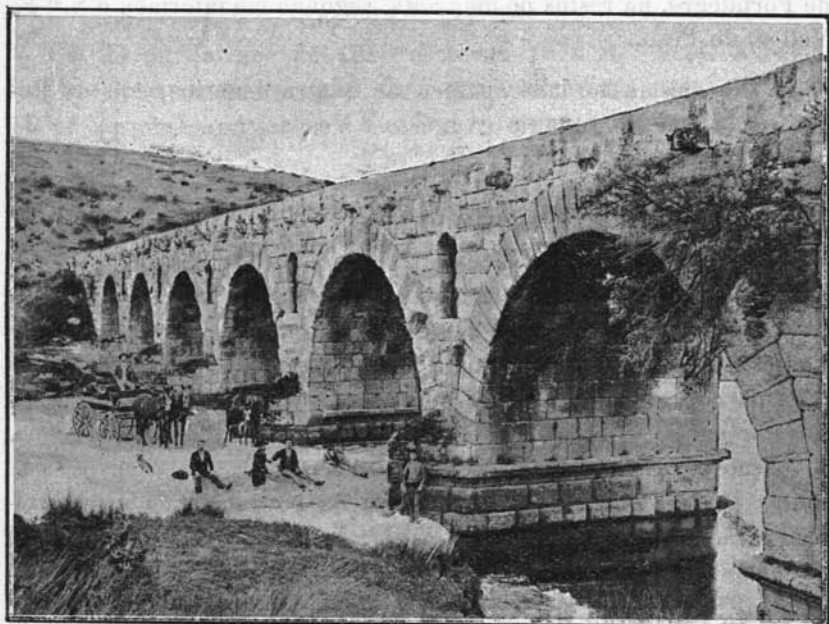


Fig. 55

pp. 212 e 213, não hesitei em publicar nova gravura, por assentar noutra fotografia, que dá mais ampla vista do preciosissimo monumento. No Museu Etnologico guarda-se tambem uma fotografia que foi colorida a oleo por Guilherme Gameiro, Desenhador do mesmo Museu, hoje falecido.

XII

Noticias várias

1. Informaram-me de que ha antas nas seguintes herdades: Bozios de Baixo, e da Rabuge, a 5 quilometros da antecedente, ambas no concelho de Monforte; na de Val-bêbedas, na tapada da Pina, concelho de Arronches; na dos Mosqueiros, freguesia da Urra, concelho de Portalegre, ainda não explorada (o dono é o S.^{or} José Maria Alberto Tavares, residente no Crato).

2. *As Antas*: nome de uma herdade no concelho de Fronteira. Hoje não se conhecem lá antas, mas esta herdade confina com a Herdade Grande, onde, como vimos no cap. II, ha muitas.

3. Na herdade da Torre das Varges, freguesia da Urra, concelho de Portalegre, ha restos de uma anta, segundo me informou o S.^o F. Vellez, do Peso.

4. Na mesma herdade appareceram quatro denarios, dois da Republica, e dois do Imperio (Augusto e Vespasiano). Informação do mesmo S.^o

5. Em S. Saturnino (conc. de Fronteira), ha um *monte* (casa de campo) construido sobre um mosaico: ao Norte e perto da igreja.

6. Nos arredores do Açumar, no sitio de S. Lourenço, dentro da coutada do Reguengo, ha restos de alicerces de casas e apparecia d'antes por ai caqueirada antiga, bem como moedas, uma d'elas de Tito, de cobre. O povo conta que nesse sitio foi que se fundou o Açumar antigo.—Incidentemente notarei que quando perto de uma povoação ha assim ruinas, é costume dizer (como tenho ouvido em muitas partes) que elas são a origem da povoação moderna: ora com razão ora sem ela. Por exemplo: Sabugal Velho, Niza Velha, são nomes de ruinas antigas.

7 No Curreal de Sampão, a 2 quilometros de Vaiamonte, para Sudeste, appareceu num poço antigo uma moeda de Graciano e tres ou quatro bilhas de barro que quebraram.

Proximo do poço encontraram-se sepulturas feitas de pedras postas de cutelo, e dentro ossadas. Provavelmente sepulturas romanas.

Um pouco adiante e proximo da herdade da Torre appareceram outras sepulturas, com garrafinhas de vinho (isto é, unguentarios, como parece).

Proveniencia das gravuras

A gravura n.^o 55 (ponte) assenta numa fotografia oferecida ao autor d'este artigo pelo S.^o Acciaiuoli.

As gravuras n.^{os} 53 (capacete) e 54 (lança) assentam em desenhos de Guilherme Gameiro, antigo Desenhador do Museu.

A gravura n.^o 49 assenta num decalque.

As restantes gravuras assentam em desenho feito por Francisco Valença, actual Desenhador do Museu.